Infidelidade ou fidelidade?

Uma contribuição para o discernimento da vocação religiosa autêntica.

OSCAR MUELLER, S. J.

UNFAITHFULNESS OR FAITHFULNESS? A CONTRIBUTION TO DISCERN A TRUE RELIGIOUS VOCATION.

The personality of a religious person has two aspects. One is general: The call of all baptized people to a holy life (LG 42); the other is special: the actualization of this call in a determined kind of religious life. A young man may easily mix up these two aspects, running into a religious society, but what he really has in mind is only a general sanctification through a life of sincere service, of giving himself in generosity. It is not easy to discover this mistake. This problem asserts itself with the passing of the years demonstrating a certain dissatisfaction in which the person lives. This dissatisfaction increases more and more through a periodical despondency in which he falls without coming to an internal steadiness; through a general kind of motivation that shows up more and more. Sometimes it takes ten to twenty years to discover this mistake in following a vocation. Then the candidate has to make a new option: either he selects once more the religious life, but this time, with an authentic motivation for this special call, or he enters the general way of sanctification. In this case, leaving the religious life is not an act of unfaithfulness or infidelity, but faithfulness to his true ideal of sanctification.

It is needed a true and real call for a religious life. God calls those He wants to (Cf. Mc. 3, 31).

A experiência ensina que o jovem, ao escolher a sua vocação (profissão), nem sempre acerta, apesar da sua boa vontade e generosidade. Talvez a generosidade até tenha sido, muitas vezes, a causa do engano na escolha da vocação.

A seguinte reflexão poderá oferecer alguma luz para discernir mais facilmente a verdadeira vo-

cação à vida religiosa, quer se trate de candidatos à vida religiosa, quer de religiosos nos quais surgem dúvidas sobre sua vocação, mesmo depois dos votos definitivos.

Há um ideal de vida cristã que se pode chamar ideal geral: o cristão, especialmente o jovem, sente o desejo de fazer de sua vida algo de positivo, de projeção na socie-

dade, de serviço aos homens, algo de válido diante da Igreja e de Deus: vida de generosidade, de doação, de realização, que se sabe não ser possível alcançá-la sem renúncias; vida dentro do mundo e ao serviço do mundo, mas ao mesmo tempo válida diante de Deus, para a eternidade.

E há o ideal da vida religiosa que é um ideal especial, referindo-se em primeiro lugar não à vida terrestre, mas à vida divina nos homens: que os homens se tornem filhos de Deus, que vivam sempre como filhos de Deus e, portanto, como irmãos entre si. E por ser algo de especial, o ideal da vida religiosa, mais do que os outros ideais da vida humana e cristã, representa a doação, a generosidade de serviço diante de Deus e diante dos homens.

Daí pode surgir um engano bastante freqüente: o jovem de onze, dezessete ou vinte e quatro anos quer viver uma vida cristã digna, válida, vida de doação e de generosidade. Ele vê (via) os religiosos e pensa (pensava) espontaneamente que estes estão vivendo visivelmente o que ele está procurando realizar: vida de doação, de generoso serviço. . .

Esta conclusão pode estar certa, tratando-se de vocação autêntica. Mas também pode ser falsa. Pois a figura do religioso e da religiosa representa dois ideais ao mesmo tempo: o ideal geral de todos os cristãos que é a santidade (e esta representação é realmente a função dos religiosos na Igreja — LG 42. 44) e o ideal especial religioso que é estar ao serviço desta mesma santidade de todos os cristãos. No primeiro caso o religioso é sinal e

símbolo de uma vida cristã bem vivida em qualquer situação humana, no segundo caso ele é o representante de um modo especial de serviço, em bem da Igreja.

Se, portanto, um jovem quer entrar na vida religiosa, nem por isso se sabe ainda ao certo qual seja o verdadeiro ideal da sua vida: não se sabe, se ele está aspirando realmente ao ideal especial da vida religiosa na congregação que ele tem em vista ou se a figura de um certo religioso lhe é o símbolo do ideal geral de santidade, vivido seriamente e com generosidade. Pois é facilmente compreensível que o jovem veja o ideal geral de generosidade e serviço mais claramente representado na figura do religioso do que na de seu pai ou do médico, advogado, comerciante, embora em tôdas estas profissões e estados haja vida cristã autenticamente vivida, em espírito de serviço e generosidade. Mas êste serviço não é tão visível e a generosidade está ocultada pela procura de sustento e de realização pessoal.

O discernimento do verdadeiro ideal da pessoa deve então ser feito no decurso da sua história, pois não há outro meio de saber o que está no homem a não ser através da manifestação do homem no decurso de sua história. Quanto mais evoluir a personalidade, tanto mais claro aparecerão os contornos da figura ideal a que alguém aspira em sua vida. Só êsses traços nos poderão manifestar a vocação daquela pessoa, já que não podemos lê-la em seu coração, nem entendemos a "voz de Deus" que chama — e se houver tais "vozes", a vocação deverá considerar-se particular-

mente suspeita. Deve-se pois admitir, em princípio, que nenhuma vocação é humanamente segura antes que o homem tenha alcançado aquêle conhecimento de si e do mundo que costumamos chamar de maturidade (1).

A confusão inicial entre ideal geral e especial dá-se com muita frequência em pessoas que tiveram uma boa educação religiosa e humana, que têm um caráter de grande adaptabilidade e estão animados por uma generosidade não comum. Estas pessoas facilmente aspiram à vida religiosa, porque realmente é uma vida de serviço generoso e apreciado aos olhos de Deus, e porque acham em si a capacidade para tal vida. E já que são dotados de um caráter adaptável, conseguem cumprir bastante bem as exigências de tal vida sem que isso seja de fato sinal certo da autenticidade da vocação.

As circunstâncias que fazem suspeitar da confusão entre ideal geral e especial, nestas pessoas, e portanto da inautenticidade da sua vocação, são as seguintes:

1) A convicção delas sôbre a sua vocação não vem do coração, mas do intelecto. E raciocinam assim: é uma vocação bonita, de uma doação total a Cristo, de grande necessidade para a Igreja; tenho capacidade e certo gôsto para isso — e daí concluem que Deus as quer nesta vocação. A verdadeira vocação não parte do intelecto, mas do coração: posso e quero viver assim, é meu modo de servir a Nosso Senhor e aos homens.

2) As pessoas sofrem periodicamente de desânimo, precisando ser animadas. Por algum tempo é bom animá-las, para elas aprenderem a caminhar. Mas, depois, elas devem poder animar-se sôzinhas: um carro, cujo motor não arranca sem ser empurrado, não deve empreender a viagem. Quem não se sabe animar, não tem em si o fundamento desta vocação.

3) O progresso na vida religiosa não está trazendo verdadeira felicidade e satisfação, embora a pessoa se esforce bem para corresponder fielmente às exigências da vida religiosa. A vocação como ideal da vida, seguida com sinceridade, deve levar à felicidade interior, à paz do coração, e isso tanto mais, quanto mais se progredir na formação.

Estes sinais devem fazer as pessoas e os responsáveis pela sua orientação suspeitarem de que se trata de um engano na escolha da vocação e, especificamente, de que a pessoa tenha tomado o símbolo pela realidade, pensando que tivesse vocação para a vida religiosa, quando apenas tem vocação para uma vida cristã de empenho sério e de serviço generoso.

Naturalmente os sinais acima indicados podem ter outras causas, especialmente, negligência e infidelidade no cumprimento dos deveres da vida religiosa. Em tal caso, descoberta a causa, procure-se corrigi-la. Se depois disso os sinais continuam, estamos de nôvo no caso de que já tratamos.

Neste caso, uma indagação ulterior, em colóquio com o religioso, encontrará outros sinais que confirmam a situação de engano:

(1) Aparece assim plenamente justificada a prolongação do período dos votos temporários até 9 anos depois do noviciado (e por quê não mais que 9 anos, se a pessoa precisar de mais tempo para chegar à clareza?).

1) O que a pessoa procura verdadeiramente, na vida religiosa, não são os serviços do Reino de Deus — fazer dos homens filhos de Deus — mas a promoção humana. O exame das motivações pode elucidar muito a respeito.

2) Muitas vezes terá havido uma influência exterior indevida que determinou a escolha da vida religiosa e a permanência nela. Sabemos que tais influências podem determinar a visão e decisão de uma pessoa.

3) Outras vezes, a severidade da educação provocou a escolha da vida religiosa não como uma oferta livre feita a Deus em resposta a um convite d'Ele, mas como um dever, uma obrigação, com o medo de desagradar, se não se escolher o mais perfeito, no caso, a vida religiosa.

Verificada esta situação, é importante que o próprio religioso chegue a perceber o engano que houve, convencendo-se de que isso não aconteceu por culpa sua, mas por generosidade e nimia boa vontade; que tudo que ele fez, por ser feito sinceramente, vale diante de Deus; mas que ele, conhecendo o engano, está colocado diante de uma nova opção. Reconhecido o erro, o homem tem que corrigi-lo: ou continuando no mesmo caminho com motivação e decisão justas — ou desistindo e seguindo o caminho do ideal geral que sempre fôra o motor também da opção errada.

No primeiro caso, de continuação na vida religiosa, é preciso fazer uma opção totalmente nova, como se se decidisse pela primeira vez, querendo abraçar o ideal especial na certeza de ser chamado por Deus

agora e de ter a ajuda de Deus para ser feliz nesta vida. No segundo caso, de mudança para o ideal geral, a pessoa pode dizer-se que esta é realmente a vontade de Deus para com ela e sempre o foi (só que ela não a conhecera); que, portanto, agora ela vai seguindo a verdadeira vocação, em obediência à verdade sobre sua vida, como ela apareceu, embora tardiamente; que não comete uma infidelidade diante de Deus nem diante dos homens, mas ao contrário, a fidelidade à sua vocação verdadeira exige esta mudança e os sacrifícios coerentes com ela. Saindo da vida religiosa, a pessoa vai para onde Deus a quer e ajuda. Vai com o mesmo grande ideal de doação generosa no serviço de Deus e dos homens, mudando apenas a maneira de prestar este serviço: já não na vida religiosa, mas na vida profana.

Os casos de que falamos são freqüentes: pessoas bem intencionadas e esforçadas que vivem em insegurança e angústia e escrupulosidade, ao descobrirem o engano que houve na vida delas entre ideal geral e ideal especial, sentem-se aliviadas e em paz. A descoberta da sua verdadeira vocação é acompanhada de um grande sentimento de libertação, de alegria, de certeza da ajuda de Deus que as faz rezar melhor e as dispõe a enfrentar com coragem toda sorte de dificuldades que a mudança de rumo na sua vida lhes está proporcionando.

Mas aparece também claramente como é injusta a atitude daqueles que consideram tais pessoas como traidores, apóstatas, infiéis à vocação, comodistas, gente mundana e leviana. Evidentemente, pode ha-

ver infidelidade à vocação e aos compromissos assumidos. Mas para podermos falar em perda de vocação deve, antes, constar que houve vocação verdadeira. Ora, a reflexão que fizemos deveria tornar-nos cautelosos em julgar sobre vocação e não-vocação de alguém, sobre fidelidade e infidelidade. Há muitos elementos que influem na de-

cisão do homem e não é fácil ter clareza sobre a autenticidade de uma vocação. Só a história do próprio homem, vivida em sinceridade, pode nos esclarecer. Descoberta a verdade, devemos aceitá-la todos, com humildade e confiança. A verdade fundamental, em questão de vocação, é esta: Deus chama a quem êle quer (Cf. Mc 3, 31).